

PORTO

PROJECTO VALORIZAÇÃO
DO ESPAÇO E DO COMÉRCIO TRADICIONAL
ATRAVÉS DA MEMÓRIA

HISTÓRIA DE VIDA DE
ARTUR JOSÉ LOPES DE AZEVEDO

Registada em 14/10/2009 por
ANA CRUZ E JENNY CAMPOS

FICHA TÉCNICA

Editor:

TRENMO Engenharia S.A.
Sítios e Memórias

Fotografia:

Armando Afonso

Coordenação:

Jenny Campos
Liliana Monteiro

Revisão:

Jenny Campos
Liliana Monteiro

Editores:

Ana Cruz
Cláudia Simões
Jenny Campos
Joana Ribeiro
Liliana Monteiro
Marlene Andrade
Susana Pires

- 05 Mini Biografia: Artur José Lopes de Azevedo
- 05 Ascendência: José Azevedo e Maria dos Anjos Lopes
- 05 Educação: *"Fui para a tropa e o curso acabou aí"*
- 06 Percurso profissional: *"Seis anos com os meus pais na loja a trabalhar"*
- 06 Casamento: Filomena Azevedo
- 07 Rua: *"Havia o barulho característico do eléctrico"*
- 07 Animação: *"Tive que cortar em muita publicidade"*
"Exposições com muito interesse"
- 10 Loja: *"Galeria de Artesanato O Galo"*
"Coisas mais decorativas"
- 11 Produtos: *"Antes de abrir já tinha preparado uma série de produtos"*
"Agora é muito variado"
- 14 Clientes: Turistas portugueses e estrangeiros
- 14 Avaliação: *"É um chamamento para a rua"*

ARTUR JOSÉ LOPES DE AZEVEDO



Artur Azevedo (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

Mini Biografia

Artur José Lopes de Azevedo nasceu na freguesia da Senhora da Hora. Os pais chamavam-se José Azevedo e Maria dos Anjos Lopes *“eram comerciantes”*.

Dos tempos de criança recorda a linha 1 do eléctrico e o movimento que o mercado Ferreira Borges trazia a esta zona da cidade.

No ano de 1985 criou a Galeria de Artesanato O Galo, onde vende recordações da cidade do Porto, tapeçarias, mantas, galos, brinquedos tradicionais e *“uns azulejos hispano-mouriscos, reproduções do século XVII de anjos e santos”*.

Ascendência

José Azevedo e Maria dos Anjos Lopes

O meu pai era de Braga, chamava-se José Azevedo. A minha mãe era Maria dos Anjos Lopes. Era de Freixo-de-Espada-à-Cinta. Os meus pais eram comerciantes.

Em meados de 1947, abriram uma loja mesmo em frente à minha loja. Era de fazendas, moda e miudezas. Era a Casa Andorinha. Foi uma casa que existiu desde sensivelmente essa época até aos anos 80. Entretanto foi passada.

Na altura que fecharam a loja já estavam com uma certa idade e reformaram-se.

Tenho um irmão gémeo e uma irmã mais velha 15 anos.

Educação

“Fui para a tropa e o curso acabou aí”

Tinha 2/3 anos, quando os meus pais se mudaram para aqui e desde sempre vínhamos para a loja. Nós morávamos mesmo por cima do estabelecimento. A nossa juventude foi aqui nesta zona.

Andei sempre no Porto. Fiz a escola primária em São Nicolau e num colégio particular. Fui para a Escola Gomes Teixeira que era a escola do ciclo preparatório. Depois mudei para a Escola Industrial Infante D. Henrique onde tirei um curso industrial. Mais tarde entrei para o Instituto Industrial do Porto para tirar o curso de Construção Civil, só que em 1974, com o 25 de Abril, fui para a tropa e o curso acabou aí. Mais tarde já a trabalhar fiz o 12º ano à noite.

Percurso profissional

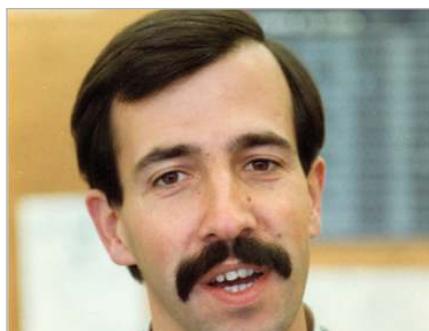
"Seis anos com os meus pais na loja a trabalhar"

O meu primeiro emprego já tinha começado, porque quando andava a estudar nas horas vagas ia para a loja do meu pai e ajudava bastante. Depois, em 1976, quando saí da tropa e não tinha emprego, estive cerca de seis anos com os meus pais na loja a trabalhar. Entretanto já tinham feito um bocado a transição das fazendas e dessas miudezas para artesanato e recordações do Porto. Já na altura se vendia bem, que havia bastante turismo. Tínhamos outra loja. Portanto eram duas pegadas. Uma tinha rolhas e material de engarrafamento, que também era outra coisa que tinha bastante saída na altura do engarrafamento do vinho.

Entretanto, estive cinco anos com os meus pais na loja. Os meus pais depois reformaram-se e quiseram passar a loja. Enquanto trabalhei com o meu pai não tinha ordenado. Tinha uma mesada que ele dava que não era fixa. Também estava a viver com os meus pais.

Em 1981 fui trabalhar para a Soares da Costa como técnico de desenho. O meu primeiro ordenado foram 11 mil escudos. Era razoável. Na altura, a nível de tabelas do sindicato dos técnicos de desenho era já um padrão médio.

Não deixei a Soares da Costa, continuo a trabalhar lá. Surgiu a oportunidade deste espaço que pertence à Igreja, à Paróquia de São Nicolau. Estava vazio, iam alugar e precisava de obras. Tive a oportunidade e na altura, como ficou o bichinho do artesanato ainda do estabelecimento dos meus pais, pensei e fiz obras nisto. Restaurei este espaço todo em 1985. Em Julho de 1985, no dia 1, abrimos a loja, mas mais vazia de material, com menos coisas, pois havia menos variedade de artesanato.



Artur Azevedo, 1985



Casamento

Filomena Azevedo

A minha esposa chama-se Filomena Azevedo. Também ajuda muitas vezes, também tem o seu emprego, tal como eu.

Rua

"Havia o barulho característico do eléctrico"

Antigamente era muito característica esta rua porque passava aqui o eléctrico. A linha 1 para Matosinhos. Descia e subia todos os dias e com muita frequência havia o barulho característico do eléctrico sempre que passava.

O Mercado Ferreira Borges aqui em frente era antigamente um mercado distribuidor de frutas e legumes do Porto e havia todos os dias de manhã muito movimento com cargas e descargas de frutas que as pessoas vinham comprar...

Moradores, havia um bocado de tudo. De uma certa idade e alguns jovens da nossa idade que ainda hoje temos contactos. Na Rua Mouzinho da Silveira existia muito comércio, pois todos os espaços estavam ocupados, tinha mesmo em frente um alfaiate, uma tipografia.

Neste momento a Rua Mouzinho da Silveira tem mais movimento automóvel. Nos meses de Verão há muito movimento quer de turistas quer de portugueses. Mas nos meses mais parados, ou seja no Inverno até Abril, Maio isto praticamente é só movimento automóvel e transportes públicos. Trabalha pouca gente aqui para baixo, os escritórios transitários fecharam. Muita gente que trabalhava aqui, inclusivamente na Alfândega do Porto, saíram para o Freixieiro e isto ficou mais parado de movimento de portugueses que passavam aqui todos os dias e que agora não passam.

Agora aos fins-de-semana, sábados, nota-se mais movimento de pessoas, portuguesas que são de outras zonas da cidade e que vêm à Ribeira. A Ribeira já esteve na moda, não está tanto, mas ainda chama muita gente que vem para os bares. Vêm à Ribeira para ver as novidades, as mudanças ou ao Cais de Gaia aos bares de Gaia. Ainda vão passando algumas pessoas ao sábado e ao domingo.

Duas ou três semanas antes do Natal há mais movimento. Na altura do São João, também passa muita gente aqui para baixo. Festas populares, cultura e os acontecimentos da Redbull, chamou muita gente. Assim quando há outras actividades na Ribeira ou no lado de Gaia há mais passagem de pessoas.

Animação

"Tive que cortar em muita publicidade"

Já fiz publicidade em guias turísticos. Nas páginas amarelas tinha um grande anúncio que reduzi. Em hotéis no Porto, entregava cartões ou publicidade.

Nos postos de turismo, também entregava cartões e publicidade para eles darem indicação da loja a quem procurasse. Em certa medida resultava. Os guias turísticos resultavam, porque todos



Interior da Galeria de Artesanato O Galo (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

os turistas ou a parte que frequentasse hotéis recebiam esse guia. Eu era procurado. Via que traziam o guia com a indicação da loja.

Há também uma história engraçada, acerca da publicidade há alguns anos.

Apareceu-me aqui um turista japonês com um guia todo em japonês em que uma das lojas de destaque de artesanato do Porto era a minha. A partir dessa altura comecei a ver e a reparar que uma série de turistas japoneses vinham com esse guia. Vinham procurar mesmo a loja directamente aqui por indicação desse guia.

Tinha uma fotografia do interior da loja que identificava perfeitamente que era a minha loja. Até hoje não sei quem é que fez esse guia. Foi uma publicidade gratuita que nunca paguei nada e que vi que havia muitos japoneses que vinham com esse guia aqui à loja.

Parei com a publicidade por causa dos custos. Os custos começaram a subir e as vendas a diminuir e tive que cortar em muita publicidade. Páginas amarelas e uma série de coisas que não dava. Isto ao fim ao cabo para mim era um hobby e há uns anos a esta parte está-se a tornar complicado porque não chega para pagar as despesas. Tenho que tirar das minhas reservas para investir aqui. Certas despesas tiveram que ser cortadas como a publicidade.

Hoje em dia talvez apostasse mais no site da Internet. Não só para portugueses como para estrangeiros. Talvez resultasse uma vez que o mercado interno está assim mau e com o site era capaz de ter uma solicitação maior e uma maior divulgação das minhas peças e de coisas que tenho antigas que daria para vender melhor.

"Exposições com muito interesse"

As festas populares que têm vários pólos nesta zona. Além da noite de fogo-de-artifício, há um espectáculo ou outro que fazem na Alfândega ou exposições. Uma coisa também importante que havia antigamente e que não há agora. O Mercado Ferreira Borges funcionava durante todo o ano com algumas exposições com muito interesse. Todos os anos era organizada a feira de artesanato na altura do Natal que chamava muita gente aqui. Ultimamente há feira da Emaús. Independentemente da Feira do Livro do Porto eram aquelas feiras de editores que vendem restos de colecção. Faziam aqui também uma ou duas vezes por ano. Uma outra feira de produtos biológicos que chegou a acontecer aqui no Ferreira Borges também chamava gente. A exposição de camélias organizada pela Câmara do Porto também chamava muitas pessoas. A Câmara do Porto tinha uma tradição grande em camélias porque os hortos da Câmara do Porto são muito ricos em camélias assim como os jardins do Porto. Já nos anos 80 a Câmara do Porto organizava a exposição concurso de camélias. Era uma exposição que todos os anos faziam com vários, criadores de camélias e que expunham ali no Ferreira Borges as suas variedades. Havia um

concurso e prémios. Tinha uma frequência bastante grande de pessoas e era só um fim-de-semana. Chamava muita gente. Tinham outras periódicas, ou de automóveis ou de mobiliário ou apresentação de moda, etc. Infelizmente agora não há, porque o Mercado Ferreira Borges fechou para obras, para o Hard Club fazer aqui a sua sede, instalações e actividades artísticas. A nível de espectáculos de rua terá que ser no Mercado Ferreira Borges, na Praça da Ribeira, Alfândega do Porto ou em Vila Nova de Gaia, na marginal de Gaia onde já tem muitas actividades. Aqui especificamente não estou a ver grandes actividades a não ser essas de exposições periódicas ou acontecimentos que chamem mais gente à zona da Ribeira.

Loja

"Galeria de Artesanato O Galo"

Galeria de Artesanato O Galo, é na Rua Mouzinho da Silveira 68, Porto. É Galeria de Artesanato O Galo porque na altura gostava de fazer uma galeria de artesanato mas, como o espaço não era com as melhores condições para uma galeria, surgiu esse nome. E O Galo, porque na altura a tabuleta que pus à porta foi o galo que está cá na loja e que fui eu que pintei. Era a tabuleta da loja. Punha e tirava todos os dias. Mais tarde, surgiu, Galeria de Artesanato O Galo.

Vim pela oportunidade do espaço que tinha surgido e pelos conhecimentos da experiência da loja do meu pai. Na altura, era uma especialidade que eu gostava, que tinha conhecimentos, que me iniciei nela e gosto do artesanato.

Este espaço tinha uma certa passagem de turismo e na altura era bastante movimentado com mais pessoas. Não só turistas, mas portugueses residentes que trabalhavam aqui perto porque isto era uma rua e uma zona que tinha muitos escritórios de transitários e havia muita gente a trabalhar aqui.

O horário é das 10h às 12h30 , 13h30 às19h. Fecho só ao domingo. Agora, fora da época de Verão, só ao sábado, porque no mês de Agosto normalmente também abro ao domingo, mas no Inverno não compensa.

Se pudesse mudava a localização. Puxava mais para a zona da Ribeira.

Mais perto da Ribeira. Só por causa da passagem das outras pessoas. Tem mais passagem, mais turistas.

"Coisas mais decorativas"

Ao longo do tempo fui comprando peças para minha colecção e para decorar a loja. Como a loja era grande e tinha muito espaço fui aos poucos comprando peças antigas que tivessem um

bocado a ver com o rústico e o artesanato e fui metendo para aqui até ocupar os espaços. No início da loja, em 1985, comprei um carro de bois todo em madeira e antigo, um arado também antigo, mesmo tradicional da zona de Arouca que ainda hoje mantenho aí e outras peças assim mais reduzidas como sejam os jugos, os garrafões, umas peças de lavoura, umas serras, os sulfatadores. Coisas que ligam na loja e mais decorativas. As máquinas de costura. Ultimamente tenho comprado algumas máquinas de costura antigas bonita. São peças que já não se vêem e eu algumas restauro e depois vendo.

Outras é só aproveitar o pé da máquina de costura para fazer mesas para apoio dos artigos que estão em exposição.

Comprei muitas peças ao José Franco, ceramista de Mafra que nos anos 80 e 90 trabalhava em pleno. Nessa altura ia lá muitas vezes, comprava muitas peças e vendi muitas peças dele. E tenho uma grande colecção de cerca de 50 peças ainda do José Franco que mantenho como colecção minha que não vendo. Aliás, como tenho peças também em exposição da Rosa Ramalho e do Mistério, de Barcelos, pessoas que já morreram.

Tenho muitas visitas de estrangeiros. Há muitos ingleses que visitam a loja e dizem que é a loja mais bonita que encontraram no Porto. De vez em quando vêm uns brasileiros e espanhóis.

Também dizem:

- "Que coisas bonitas, seleccionadas e bem organizadas."

As coisas são bem dispostas e com qualidade. Sou eu que faço tudo. Sempre tive um gosto por artesanato e, desde que criei a loja, tento manter sempre diversidade dentro da decoração e tudo bem organizado e arranjado para cativar as pessoas e ter um aspecto agradável. Tenho cuidado em manter os vários artigos seleccionados por grupos. Não misturar coisas de um artesão com outro artesão.

Tudo em prateleiras e mesas separadas, com a etiquetazinha do nome do artesão e a região. É essencial a apresentação, a arrumação, limpeza e uma boa iluminação.

Produtos

"Antes de abrir já tinha preparado uma série de produtos"

Quando abri tinha um bocado de tudo. Claro, menos variedade. Eram os galos, as recordações do Porto, os barcos rabelos, tinha as miniatura de torneados de madeira com pipinhos, adegas regionais, umas casas portuguesas de madeira, bonecas regionais que na altura se vendiam, muito bem. Filigranas também cheguei a ter, que se vendia bem na altura. As tapeçarias, as mantas foi uma coisa que sempre vendi bem. As mantas feitas de farrapos. Tinha peças já de



Fachada da Galeria de Artesanato O Galo, em 1985

Barcelos, o figurado de Barcelos quer Júlia Ramalho quer, na altura, Rosa Ramalho que era a ceramista mais conhecida de Barcelos. Na altura da grande produção da cerâmica de Barcelos os meus pais já tinham peças. Para além de terem muito artesanato em madeira e trabalhos em

cortiça, tinham muita coisa de bordados e linhos de Vila Verde, que os meus pais também vendiam bastante. Nessa altura, que me recorde, era sensivelmente isso.

Fundamentalmente, já tinha uma série de contactos com alguns artesãos.

Antes de abrir, já tinha preparado uma série de produtos que comecei logo com eles, que eram os galos de Barcelos, as bonecas regionais, os barcos rabelos, recordações do Porto em madeira, uma variedade na altura de muita coisa de torneados de madeiras. Já tinha alguma cerâmica contemporânea destes artesãos novos que surgiam na altura. Tapeçarias e mantas de Laúndos, de Póvoa de Varzim, que era zona tradicional de fabrico em tear e manual das mantas de retalho. Tapeçaria foi uma coisa que se vendeu sempre bem, os brinquedos tradicionais de madeira e de folha que sempre vendemos. Os chamados brinquedos de chapa que apareciam em todas as feiras de artesanato e aqueles brinquedos de madeira antigos. A pombinha, o ciclista, as camionetas pintadas, os carros de bois.

De início foi sempre o contacto directo com os artesãos. Fui eu que os procurei e, nessa altura, era eu que me deslocava às oficinas deles para ir buscar material. Agora alguns ceramistas vêm aqui mesmo. Faço as encomendas por telefone, por catálogo ou fotografias e eles entregam aqui. Outros, no caso de Barcelos, Júlia Ramalho, os galos e os santos populares, uma série de bonecos de Barcelos, de cascata, de presépio, vou lá buscar directamente.

"Agora é muito variado"

Agora é muito variado. Os galos de Barcelos, que sempre se vende. Tudo que tenha galos ou imanes com galos, ou galos com rolhas, galos de barro, galos de metal, azulejos com galos, postais, os marcadores de livros, muita coisa. Depois alguma cerâmica desta que temos contemporânea com linhas mais modernas e mais utilitárias que se vende muito bem. Cerâmica pintada à mão da antiga fábrica do Carvalhinho que é um pintor da fábrica que fechou nos anos 80 e que entretanto, em casa, começou a fazer peças e a pintar modelos originais do Carvalhinho e que hoje, com 86 anos, ainda faz e pinta peças.

Tenho agora uma linha de um artesão aqui do Porto que faz aquelas profissões em arame e massa. Caricatura todas as profissões e são umas peças que os turistas também levam. Além da Júlia Ramalho, uma ceramista já consagrada, os barcos rabelos também se vende. Os brinquedos de chapa tradicionais antigos que temos muita coisa. Reproduções de azulejos. Há cerca de cinco, seis anos a esta parte tenho uns azulejos hispano-mouriscos e reproduções do século XVII de anjos e santos de um artesão da Marinha Grande. Ele tem feito essas reproduções que se vendem também muito bem porque como o nosso país e a cidade do Porto é muito conhecida pelos azulejos e pelas fachadas dos edifícios em azulejos, eles compram muitos azulejos para

recordação. Em painéis ficam bonitos. Pendurados nas paredes e ornamentação da casa. Os portugueses, para além das recordações do Porto, compram os tapetes e mantas de farrapos e uma ou outra vez uma prenda de anos. No Natal vende-se bastantes coisas e uma das peças que vendem mais eram presépios porque sempre tive muita variedade em presépios de vários artesãos. Tenho sempre muita coisa, porque havia e há grandes coleccionadores de presépios. Todos os anos passam a ver as peças novas.

Clientes

Turistas portugueses e estrangeiros

Portanto, esta loja foi sempre mais virada para o turismo e, nos anos 80/90, os portugueses ainda não compravam muito artesanato. Só mais tarde é que começa uma tendência e nota-se que os portugueses começaram a comprar artesanato. Até em 10 anos, desde o início que abriu a loja, 90% dos clientes eram mesmo turistas estrangeiros. Aqui sempre tivemos muitos espanhóis, franceses, italianos e ingleses. Durante a época mais de Inverno alemães e americanos.

Temos duas épocas distintas que são os meses de Verão, praticamente Julho, Agosto e Setembro tem uma afluência razoável de estrangeiros. O resto do ano é bastante mais reduzido. Em proporção ao turismo que há na época de Verão é muito menos. São casais novos, velhos, isso era indiferenciado. As pessoas tinham outras possibilidades e, nessa altura, gastavam mais dinheiro. Aliás, há meia dúzia de anos a esta parte nota-se que também os estrangeiros de qualquer nacionalidade gastam menos dinheiro. Também se nota que têm problemas nos países deles e que, para além do passeio e umas pequenas recordações, não gastam muito dinheiro. A nível de nacionais há uns ou outros que vêm comprar umas peças para prendas e pouco mais. Tenho coleccionadores de presépios que há muitos, assim como há muitos coleccionadores de Santos António e de outras peças também de outros artesãos.

Avaliação

"É um chamamento para a rua"

Os resultados só no fim. Só depois de ver alguma coisa do projecto em si é que poderei dizer, mas penso que será proveitoso se for divulgado, se tiver a aceitação das pessoas. Este projecto parece ser mais virado para os portugueses e se tiver alguma visibilidade, poderá trazer mais gente aqui a esta zona. Pessoas que vivem noutras zonas da cidade. Eu já estou quase há 25 anos

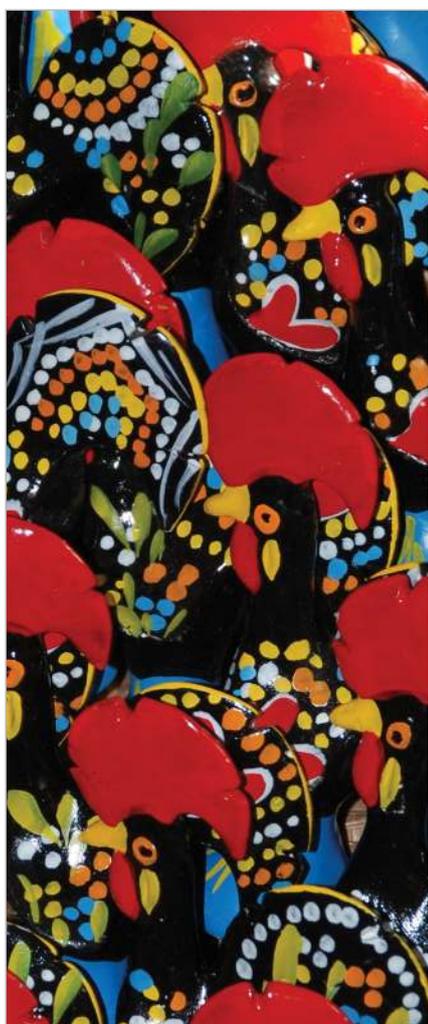
aqui e às vezes passa uma pessoa:

- "Ai, passo aqui algumas vezes e nunca tinha reparado nesta loja."

Residentes cá no Porto. Portanto, não sabem que existe.

- "Ainda bem que encontro porque tem aqui coisas que eu quando precisar venho cá".

Portanto, a nível de residentes do Porto será bom, se houver uma divulgação melhor do que existe nesta rua. Será um chamamento!



Produtos da Galeria de Artesanato O Galo (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

